

# ESTUDOS ACERCA DA EDUCAÇÃO, CAPITAL HUMANO E BIOPOLÍTICA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Fernando Sepe Gimbo<sup>1</sup>

Vitória Jeankessya da Silva Pereira<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Em que podemos, hoje em dia, alicerçar nossas práticas educacionais? Pergunta anterior a todo problema pedagógico – “como educar?” – ou de política educacional – “quais práticas são mais eficazes tendo-se estabelecido certas metas?” – a questão do fundamento da educação enquanto diretriz de seu sentido pode ser caracterizada como uma questão própria a uma filosofia da educação. Isso porque, de certa maneira, perguntar sobre o sentido do educar é indissociável da pergunta ontológica pelo seu ser: o que é, afinal, educação? A imediatez da pergunta nos espanta por sua honestidade e dificuldade. Um pouco como o tempo em Agostinho, sabemos o que é educação somente até o momento em que nos perguntam o que ela é.

Nosso estudo não visa dar uma contribuição direta sobre esse imenso problema, mas sim, modestamente, um apontamento para o seu desenvolvimento. Isso porque se um conceito geral de educação nos parece de difícil enunciação, talvez possamos contornar a imediatez de tal pergunta a partir de um desvio, a saber: quais os pressupostos próprios a todo e qualquer processo educacional?

Tais pressupostos não devem ser compreendidos como simples pré-compreensões, como proposições elementares do senso comum. Mas sim, como ideais normativos, isto é, ideias críticas capazes de nos apontarem um sentido imanente, o “dever-ser” de uma atividade concreta: “através de quais ideias normativas podemos organizar nossas práticas educacionais hoje?”, eis nos parece uma formulação mais precisa de um problema contemporâneo e urgente em filosofia da educação.

---

<sup>1</sup> Orientador e Autor da presente pesquisa. Mestrado em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutorando pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) professor na Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: [fernando.gimbo@ufca.edu.br](mailto:fernando.gimbo@ufca.edu.br)

<sup>2</sup> Bolsista e Coautora da presente pesquisa. Graduanda do 7º semestre de Filosofia na Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: [vitoria.jeankessya@aluno.ufca.edu.br](mailto:vitoria.jeankessya@aluno.ufca.edu.br)

Entre nós, foi sem dúvida Paulo Freire quem colocou os parâmetros mais claros para o encaminhamento de uma resposta possível. Um pouco como em Adorno (1995), educar é formar para emancipação, isso é, para o exercício concreto da autonomia em uma vida social democrática. Freire especifica: as ideais diretrizes dos processos de formação se apoiam em uma perspectiva antropológica e histórica. O ser-humano é “um ser inconcluso” aberto ao mundo e virtualmente capaz de “ser-mais”, isto é, efetivar suas potencialidades através da aprendizagem constante (FREIRE, 1970, p. 47). Ao mesmo tempo, a realidade humana, enquanto realidade social, “é histórica” podendo ser transformada do ponto de vista de conquistas concretizadoras de demandas sociais de justiça (FREIRE, 1970, p.23).

Filiando-se diretamente na continuidade da tradição do esclarecimento, Paulo Freire convoca uma filosofia da história e uma antropologia como solos normativos para uma filosofia crítica da educação. Quando traçamos planos, instrumentos, métodos e instituições para a educação devemos nos apoiar nessas duas premissas: em uma ideia de aprendizagem enquanto maneira de ser-no-mundo; no avanço da efetivação concreta da liberdade através de um processo constante de construção social justa e democrática.

Contudo, nossa questão se arma quando pensamos a contradição entre tais ideais normativos e a dinâmica de reprodução material própria à sociedade contemporânea. Uma vez que as práticas educacionais estão ancoradas em um contexto socioeconômico que as estruturam e condicionam, é preciso bem delimitar a oposição entre “o que é” e o que “deveria ser”. Da tensão entre ambos talvez possamos deslindar um diagnóstico mais preciso do que significa educar hoje.

Nesse sentido, as proposições de Foucault nos parecem de grande atualidade. Isso porque através da análise de um conjunto de práticas e valores próprios ao capitalismo contemporâneo, isso que Foucault identifica já ao final da década de 70 como a hegemonia do neoliberalismo, é toda uma reestruturação do que significa ser-humano e suas relações com a história que estarão em jogo. Tentar entender as consequências que tais transformações implicam em nossa própria ideia de educação, assim como em suas práticas cotidianas, é o objetivo último deste trabalho.

## **OBJETIVO**

O presente trabalho apresenta os resultados de doze meses da pesquisa iniciada oficialmente em agosto de 2019 com financiamento da CNPq e orientação do Prof. Fernando Sepe Gimbo. Serão aqui expostas as atividades realizadas desde o início dos estudos e também passos dados em meio a pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho é analisar e compreender o uso dos textos de Michel Foucault voltados para a educação e o ensino de filosofia. O objetivo específico desta pesquisa é analisar questões políticas trabalhadas por Michel Foucault, como a biopolítica, necropolítica e também a influência política através do controle da sexualidade.

No desenvolver deste trabalho, foram usados como base a leitura e estudo de dois textos de Foucault – “História da Sexualidade I” e “O Nascimento da Biopolítica” – tentar compreender do ponto de vista antropológico, filosófico e ético-político as consequências do uso do conceito de capital humano enquanto conceito diretor das práticas educacionais. Para tanto, primeiramente reconstruímos a caracterização foucaultiana do neoliberalismo enquanto dispositivo de governo.

Em seu curso de 1978-79 – O nascimento da biopolítica – Foucault propõe uma análise das práticas de governo contemporâneas através de uma arqueologia do mercado. Para o que nos interessa, podemos dizer que o argumento de Foucault é: o neoliberalismo é uma prática de governo nova, surgida no período pós segunda guerra mundial, enquanto uma transformação da tradição liberal. Como caracterizar tal mudança? Foucault propõe um esquema tripartido: (1) transformação da estrutura do mercado; (2) da concepção de ser-humano (antropologia); (3) da ideia de sociedade.

Em primeiro lugar, Foucault nota como a tradição liberal pode ser compreendida através de uma dinâmica própria à reinvenção da ideia de mercado (FOUCAULT, 2008, p. 44-64). O que estava em jogo no liberalismo fora a construção de um saber econômico, das leis naturais de mercado enquanto espaço de ‘veridicção do político’ (FOUCAULT, 2008, p.45). Segundo uma perspectiva naturalista comum à época, tratava-se de conhecendo as regularidades dos fenômenos econômicos, deixar com que o mercado se regulasse naturalmente, apenas reagindo a iniciativa de cada indivíduo. O mercado seria, então, o espaço de circulação de mercadorias e a esfera da realização da liberdade enquanto procura da maximização de ganhos e produtividade.

Nisso, como nota Foucault, percebemos a relação entre uma ideia de mercado estruturada em torno de práticas de troca e uma compreensão utilitarista da conduta racional humana: “máximo de lucro para os vendedores, mínimo de dispêndio para os compradores” (FOUCAULT, 2008, p. 78). O que seria próprio ao ser humano é precisamente tal calculabilidade utilitária de um homo economicus, de um agente racional que visa, através de seu trabalho e decisões, aumentar o útil para-si, o que levaria a uma maximização do útil do ponto e vista da totalidade social. O ponto central do estudo de Foucault é insistir na transformação da “essência do mercado” para a teoria neoliberal quando comparada ao liberalismo clássico.

Em segundo momento, nos delimitamos a compreender o conceito de capital humano, que responde a exigência administrativa de pensar a relação entre trabalho e subjetividade dentro desse novo quadro. Ele opera uma passagem da ideia clássica de força de trabalho para o de capital-competência. O ser-humano, enquanto sujeito de trabalho, é a valorização de seu próprio capital, eis como a renda deve ser a partir de então compreendida: “por que as pessoas trabalham? Trabalham tendo em vista um salário. Mas o que é um salário? O salário é o preço da venda da força de trabalho, como sempre insistiu Marx” (FOUCAULT, 2008, p. 308). Porém, para o neoliberalismo, o salário é mais do que isso, ele é sobretudo uma renda, ou seja, “o produto ou rendimento do capital” (FOUCAULT, 2008, p. 308).

Tomando cada sujeito como uma empresa, a renda é o rendimento do capital humano, “do conjunto de todos os fatores físicos e psicológicos que tornam uma pessoa capaz de ganhar este ou aquele salário” (FOUCAULT, 2008, p. 308). Da força física à instrução profissional, da cultura à inscrição no conhecimento científico, das relações interpessoais até os círculos de contato de família, todos os aspectos da vida individual se tornam variáveis que medem a capacidade que um sujeito tem de produzir e gerar riqueza dentro da sociedade.

Mas se é assim, podemos dizer que a ideia antropológica básica do neoliberalismo é de que cada indivíduo nada mais é do que um empreendedor de si mesmo, alguém que busca administrar sua existência nos termos da efetivação de uma vida rentável. De certa maneira, cada sujeito possui um valor social que é, em última análise, um valor econômico quantitativo. As consequências de tal maneira de racionalizar a vida social seriam duas para Foucault.

Em primeiro lugar, a noção de empreendedor de si, aliado as pressões próprias a dinâmica econômica, levariam as pessoas a uma nova disciplina normativa, a uma maneira de comportar-se orientada irrestritamente pelos valores de maximização da performance, competição entre pares e desenvolvimento individual. Ela seria uma nova forma do que Foucault chama, em sua História da Sexualidade I, de anátomo-política dos corpos: valores e práticas sociais capazes de nos darem a gramática de fundamentação para nossas escolhas, comportamentos e ações.

Em segundo lugar, a noção de capital humano se torna um conceito analítico a ser aplicado não apenas a um indivíduo específico, mas também a uma população em geral. O que se segue é uma decomposição analítica da vida coletiva nos termos de sua força econômica, isto é, na sua capacidade de produzir riquezas – com inovação e ganho de competitividade – aliado à sua capacidade de consumo e gerência de necessidades elementares. Em outras palavras, a população é equalizada a sua capacidade de gerar crescimento econômico.

É na síntese entre a antropologia normativa do empreendedor de si e a administração da vida de uma população que podemos dizer, com Foucault, que o neoliberalismo se organiza enquanto o dispositivo biopolítico contemporâneo por excelência. Note-se como, aqui, não se trata de uma conceituação do neoliberalismo somente como doutrina econômica. Mas sim como, de determinados pressupostos elementares de uma doutrina econômica, passamos para uma concepção social, política e antropológica que exige uma decifração filosófica. Conjunto de práticas e valores, de estruturas sociais, de organização das relações mercado e Estado: o neoliberalismo dissemina-se enquanto nova forma do capitalismo. Eis a tese geral de Foucault em seu curso de 1978.

Diagnóstico abrangente e, também, sombrio. Pois a questão que ela nos lega, como o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) bem irá perceber, é não apenas reinterpretar os processos de administração social nos termos de uma organização das forças produtivas da vida de uma população. Mas também, e sobretudo, de como com o avanço da tecnologia e a ausência de recursos naturais, é toda uma parcela da humanidade, de baixo capital humano, que se torna paulatinamente dispensável segundo a lógica desse sistema. Ao imperativo de “cuidar da vida” tendo em vista seu retorno econômico, deve-se contrapor o “fazer morrer” de uma necropolítica capilarizada que,

recuperando os traços mais arcaicos de violência e colonialismo, acaba por organizar de forma nova e cruel o dispêndio da vida daqueles que se tornaram descartáveis.

Posteriormente a essas análises voltamos as mesmas nessa tendência do capitalismo contemporâneo de racionalizar as potencialidades dos viventes nos termos de um capital humano e usamos como material teórico norteador o texto de Martha Nussbaum onde podemos compreender as capacidades humanas dentro da sociedade capitalista.

Por último sugerimos uma crítica que argumenta em torno da insuficiência de tal conceito para pensar os processos educacionais, ainda que reconheçamos que o aspecto econômico é também importante e muitas vezes negligenciado pela reflexão filosófica crítica no país. O objetivo último é insistir na possibilidade de uma ideia mais abrangente de educação em que o conceito de capital humano não seja o único aspecto diretor de nossas políticas educacionais, mas sim uma filosofia emancipadora.

Em suma, nossa proposta é de que, ainda que reconheçamos a importância da educação para o desenvolvimento econômico de um país e a importância das melhorias das condições materiais enquanto condição da melhoria na qualidade de vida de todos, tal condição é necessária, mas não suficiente. E, mais do que isso, é preciso afirmar, com todas as letras, que nem o mercado, nem o valor da concorrência, nem as necessidades mais elementares de autopreservação, são capazes de ancorarem a educação enquanto processo de formação de sujeitos autônomos, dignos e democráticos. No seu tensionamento com a ordem vigente, a educação nos parece um vetor de resistência possível e, acima de tudo, capaz de nos fazer vislumbrar outra ordem para as coisas através de uma transformação imanente da atual sociedade. Eis a sua verdadeira promessa.

## **METODOLOGIA**

Através de reuniões semanais, leituras, fichamentos e discussões de textos, o projeto original de pesquisa em torno do tema educação, capital humano e biopolítica, traz consigo uma análise centrada nas obras foucaultianas. As reuniões aconteciam semanalmente e inicialmente tinha um formato presencial, composto pelo o professor orientador Fernando Sepe Gimbo, a bolsista e o estudante voluntário Karizio Ponce Leon Nunes.

Posteriormente com a chegada do novo corona vírus, as reuniões semanais começaram a mudar o seu formato para os novos métodos de ensino virtuais. Mesmo com as dificuldades diante dos novos recursos didáticos, as reuniões e leituras dos textos deram a sua continuidade. Alguns momentos foram mais difíceis que outros, porém ainda com seu caráter de formação e comprometimento com a pesquisa.

Entre as metodologias de reuniões semanais houve a utilização de princípios e normas metodológicas para a produção de textos científicos, o desenvolvimento de senso crítico, de uma postura proativa e de autonomia para o aprendiz, estímulo à participação de discentes e a interação com o professor-pesquisador, criando uma relação de troca de conhecimentos, o que proporciona enriquecimento para ambas as partes.

## **RESULTADOS ALCANÇADOS**

Ainda que passando por dificuldades, sobretudo devido a pandemia que assolou o país (e o mundo) e a desestruturação das atividades acadêmicas, acreditamos que para um projeto de iniciação científica o resultado é satisfatório, sobretudo no que tange a formação continuada e um primeiro contato, ainda que superficial, com a prática de pesquisa em filosofia.

Além disso, é digno de nota que, desde março de 2020 o aluno Karizio Ponce Leon Nunes, que estava ligado ao projeto de pesquisa como colaborador, devido a uma mudança de cidade e transferência de universidade não participou da elaboração final da iniciação científica, tendo se desligado da pesquisa em curso.

As vivências da iniciação científica fomentaram a pesquisa e proporcionou uma reflexão e análise sobre a educação acerca das obras “História da Sexualidade I” e “O Nascimento da Biopolítica”. Além de terem ofertado uma base ampla para a elaboração e escrita científica acadêmica, e o desenvolvimento da criatividade e do pensamento científico e a aprendizagem de técnicas de pesquisa, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas abordados no projeto de pesquisa. A pesquisa além dos seus objetivos reflexivos tomou a forma de um artigo coletivo que poderá, mais a frente, ser apresentado em congresso especializado e submetido à revista própria da área.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão proporciona, por conseguinte, a análise aqui presente, que veio de vivências únicas em meio ao meu processo de formação enquanto bolsista e pesquisadora. A pesquisa que foi orientada e fomentada junto do meu orientador Fernando Sepe Gimbo me proporcionou crescer e aprofundar conceitos de educação, neoliberalismo e capital humano, onde sei que servirá para reflexões, questionamentos e pesquisas futuras.

Enquanto bolsista e mulher pesquisadora que enfrenta uma pandemia, posso afirmar que fazer-se pesquisadora e fazer pesquisa não é tão simples, porém há de se fazer, pois, o contato com a pesquisa me levou a ter outro olhar para os temas levantados em todo o percurso durante o período de vigência do programa de iniciação científica. Dentro dos aspectos atuais que nossa sociedade vem enfrentando, como os ataques recorrentes às pesquisas e à ciência, é imprescindível comentar a importância de um programa que promove o estudo e a elaboração de materiais acadêmicos científicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995
- FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GIMBO, F. **Uma arqueologia do mercado: Foucault e o neoliberalismo como dispositivo biopolítico**. In. Revista Kalagatos, vol. 14, N.2, 2017.
- GIMBO, F. **Emancipação intelectual e democracia: para uma filosofia crítica da educação a partir de Paulo Freire e Jacques Rancière**. In. revista Griot, vol. 16, n.2, 2017.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 editora, 2018.
- NUSSBAUM, M. **Not for profit: why democracy needs the humanities**. New Jersey: Princeton University Press, 2010.
- SEN, A. **Development as freedom**. Nova Iorque: Borzoi Book, 1999.